

A SEGUNDA GERAÇÃO E O SUCESSO ESCOLAR.

Sónia Pires

Aquilo que me proponho fazer nesta comunicação é apresentar de uma forma sucinta diferentes perspectivas teóricas sobre a temática da inserção dos filhos de imigrantes articulada com o desempenho escolar, assim como o levantar de algumas questões.

Convém antes de mais definir o conceito "segunda geração de imigrantes" que será utilizado a partir daqui. Com este conceito entendemos todo o indivíduo nascido em Portugal com pelo menos um dos pais nascido no estrangeiro ou todo o indivíduo nascido no estrangeiro mas que reside em Portugal há pelo menos cinco anos. A escolha da variável tempo segue os critérios usados por Alejandro Portes na sua definição de segunda geração, critério este que me parece importante se atendermos ao facto de a inserção das comunidades imigrantes variar, entre outras coisas, com o tempo de residência das mesmas no país de destino.

A produção teórica sobre este tema é quase inexistente em Portugal. Poucos estudos empíricos foram feitos até hoje, e estes concentram-se essencialmente sobre a questão da multiculturalidade nas escolas e nos programas curriculares. A escolha da teoria utilizada como pano de fundo no meu trabalho prende-se por um lado com o facto de ser bastante completa quanto ao uso de variáveis de análise, e por outro lado com o facto de ter sido utilizado com intensidade pelos investigadores nos Estados Unidos nesta última década.

Assim, esta teoria, a chamada teoria da assimilação segmentada, parte do princípio que de facto existe assimilação entre os jovens, filhos de imigrantes, mas uma assimilação que se faz dentro de um determinado segmento da comunidade imigrante e da sociedade de acolhimento. Portes e Zhou (1993) procuraram demonstrar que a maneira como os primo-imigrantes se adaptaram na sociedade de acolhimento criou diferentes oportunidades e capital social sob a forma de empregos étnicos, redes e valores que, por sua vez, criaram diferentes trampolins para a segunda geração. São apontados três diferentes caminhos por onde enveredam os filhos de imigrantes. Um deles pode ser a aculturação no chamado mainstream cultural; outro caminho pode ser a inserção numa subclasse economicamente desfavorecida; e por último temos ainda uma ascensão económica rápida com a preservação deliberada dos valores da comunidade imigrante. É claro que estes padrões foram detectados num contexto totalmente diferente do contexto português, que é o contexto de um país com uma estrutura de oportunidades no mercado de trabalho diferente do nosso, estou a falar dos Estados Unidos, onde também a discriminação racial está presente nas várias esferas da vida pública. Resta ainda saber se podemos falar em Portugal de uma subclasse.

Vários factores ligados á comunidade imigrante e à sociedade de acolhimento estão por detrás desta inserção, a saber: uma diferenciação interna de classe¹; a qualidade dos recursos disponíveis², o tipo de recepção por parte da sociedade de acolhimento; o grau de concentração espacial e o tempo de residência.

¹ Quanto maior a diferenciação de classe da comunidade imigrante, maior o acesso a determinados recursos e informações.

² Que depende, entre outros factores, da estrutura de classe da comunidade imigrante: «As important social capital is the quality of the resources that can be tapped through the network. Interpersonal networks are distinguished as much by their ability to generate a sense of cohesion as the extent to which they can parlay group membership and mutual assistance into worthwhile jobs and knowledge. »(Fernandez Kelly:35, in *The new Second Generation*, Alejandro Portes (ed.), New York: Russell Sage Foundation, 1996).

Estes diversos factores, combinados entre si, vão permitir aos membros das comunidades em questão de aceder a diferentes redes sociais, a um determinado capital social e a uma determinada identidade étnica. Os agentes activos neste processo são o núcleo familiar, que funciona aqui como a instância mediadora entre a comunidade e o meio envolvente mais próximo, a inserção da família numa das esferas da comunidade imigrante, a inserção dessa esfera na comunidade, e a inserção da comunidade imigrante na sociedade de acolhimento. As escolas apresentam-se aqui como a arena de encontros de várias culturas e perspectivas, encontros estes nem sempre felizes.

O desempenho escolar dos filhos de imigrantes será, portanto, influenciado e determinado por estes factores. Uma das mais tradicionais explicações encontradas na sociologia da educação para o sucesso escolar dos jovens é o capital humano, mais particularmente o nível educacional dos pais, havendo assim reprodução social como apontam os trabalhos de Pierre Bourdieu neste domínio. Esta teoria cai no vazio quando nos deparamos com uma realidade que contradiz totalmente esta perspectiva, estou a falar de filhos de imigrantes no ensino superior que, para além de terem pais com qualificações escolares mínimas, vivem em bairros degradados na Área Metropolitana de Lisboa. O que poderá explicar o sucesso escolar destes jovens? Aqui, temos a ajuda de duas teorias, que já foram directa ou indirectamente referidas anteriormente. A primeira teoria dá ênfase à importância do capital social, entendida aqui como o grau de interpenetração das diversas famílias na comunidade que permite o controlo parental e o acesso a determinados recursos e informações.

A segunda teoria dá mais ênfase aos modos de incorporação das comunidades imigrantes, à sua história migratória e ao contexto de receptividade por parte das instituições da sociedade de acolhimento.

Não me é possível apresentar resultados, mesmo que preliminares, do trabalho de campo efectuado nestes últimos meses, onde pude entrevistar 14 jovens, filhos de imigrantes provenientes dos meios mais pobres da sua comunidade de origem no ensino superior. Sete eram de origem cabo-verdiana, sete de origem indiana/hindu.

Várias questões se colocam aqui. Para começar podemos interrogar-nos sobre o papel da etnicidade no desempenho escolar e na inserção da segunda geração de imigrantes. Será este um factor que explique as diferenças existentes entre as várias comunidades imigrantes? Ou teremos que dar mais atenção às políticas que agora estão a emergir no domínio da imigração? De acordo com as teorias avançadas anteriormente, parece-me que há uma conjugação destes dois elementos na explicação das diferenças na inserção das comunidades e dos seus filhos na sociedade portuguesa. Outro ponto que surge é saber até que ponto os currículos alternativos, multiculturais têm à luz da teoria da assimilação segmentada alguma viabilidade, com efeito, os jovens entrevistados conseguiram vingar escolarmente sem a ajuda de uma discriminação positiva dentro do recinto escolar.

Penso que estas são algumas reflexões interessantes que posso adiantar nesta comunicação.